

Violência contra mulher Não é Normal

Cartilha para profissionais

Programa de Enfrentamento
da Violência contra Meninas
e Mulheres na Rede Estadual
de Educação de São Paulo



**GOVERNO DO ESTADO
DE SÃO PAULO**

SECRETARIA DA EDUCAÇÃO

Violência contra mulher Não é Normal

Rodrigo Garcia

Governador do Estado de São Paulo

Hubert Alquéres

Secretário da Educação do Estado de São Paulo

Vitor Knöbl Moneo

Chefe de Gabinete da Educação do Estado de São Paulo

Bruna Waitman Santinho

Coordenadora da Escola de Formação de Profissionais da Educação – “Paulo Renato Costa Souza” (EFAPE) da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo

Viviane Pedroso Domingues Cardoso

Coordenadora da Coordenadoria Pedagógica da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo

PESQUISA E REDAÇÃO: SERENAS – GARANTIA DE DIREITOS PARA MENINAS E MULHERES

Amanda Sadalla – Diretora Executiva

Bruna Latrofe – Gestora de Projetos

Isabella Cruvinel – Coordenadora de Comunicação

Stefania Molina – Diretora de Operações

Serenasbr.org

COORDENAÇÃO - Equipe da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo

Luanda Gomes dos Santos Julião

Paula dos Santos Miranda

Rafaela Thomaz Vieira



**GOVERNO DO ESTADO
DE SÃO PAULO**

SECRETARIA DA EDUCAÇÃO

Sumário

Sumário interativo

Clique no título para ver o conteúdo e no número da página para voltar ao menu inicial.

Apresentação

4

Por que a prevenção e o enfrentamento da violência contra meninas e mulheres devem ser prioridade nas escolas?

6

Para início de conversa: o que é violência contra meninas e mulheres?

10

Como o machismo afeta os meninos e os homens e o que eles podem fazer para enfrentar a violência contra meninas e mulheres?

19

Como identificar uma relação violenta e como ajudar alguém a sair dela?

21

Quais são os principais sinais físicos e psicológicos apresentados por meninas e mulheres vítimas de violência?

25

Quais ações os(as) educadores(as) podem levar para o dia a dia da sala de aula para prevenir e enfrentar as violências de gênero?

30

Identifiquei um caso de violência. O que devo fazer?

33

Apresentação

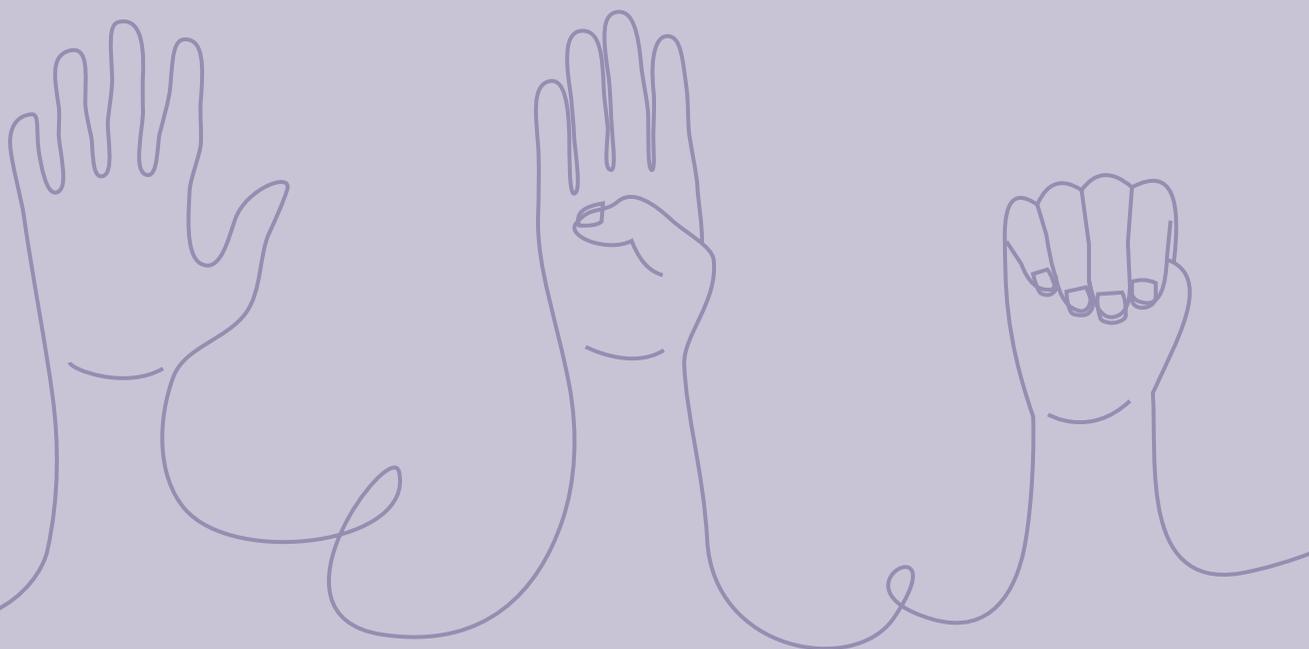
Com o objetivo de enfrentar a violência contra meninas e mulheres, a Secretaria da Educação do Estado de São Paulo (Seduc-SP) elaborou este guia especialmente para que você, profissional da educação, tenha as informações e conhecimentos necessários para ajudar no combate à violência.

Ao final deste guia, você saberá identificar diversas formas de violência e também como abordar o tema no dia a dia da escola.

O ambiente escolar deve ser um espaço cada vez mais seguro e acolhedor. Assim, a formação e a conscientização sobre as formas de violência contra meninas e mulheres, assim como as formas de combatê-las, são essenciais.

Nesse sentido, a Seduc-SP afirma seu compromisso com o tema e espera que este material contribua com informações para o enfrentamento da violência contra meninas e mulheres na educação do Estado de São Paulo.

Boa leitura!



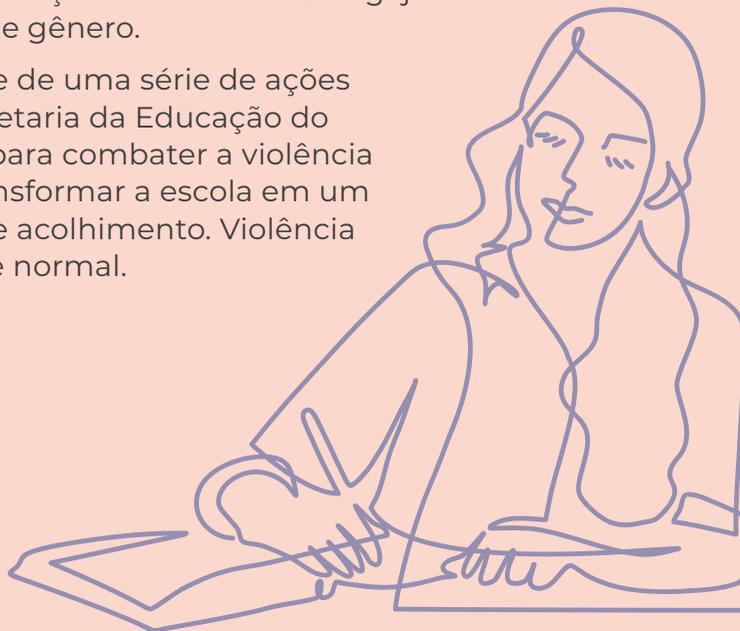
Querido(a) profissional da Educação,

Você sabia que o Brasil é o quinto país com os maiores números de violência contra mulheres e meninas?¹ A maioria das pessoas conhece uma mulher que vive ou já viveu uma experiência de violência. Por isso, precisamos entender o assunto e saber como agir quando necessário, dentro e fora da escola.

Para crianças e adolescentes, a escola costuma ser um espaço seguro tanto em termos físicos quanto emocionais, principalmente porque entendem que é um lugar onde seus direitos são garantidos. Dessa forma, a criança ou adolescente entende que estar na escola significa ser ouvido(a), cuidado(a) e respeitado(a), e poderá se sentir protegido(a) e seguro(a) para revelar alguma situação de violência.

Além disso, a escola surge como um espaço propício ao desenvolvimento de conhecimentos, atitudes e práticas que promovam a educação e a saúde das crianças e adolescentes. Sendo assim, entendemos como central o papel da escola e, especialmente, dos(as) profissionais da Educação, no fomento de uma geração cada vez mais engajada no combate à violência de gênero.

Este material faz parte de uma série de ações promovidas pela Secretaria da Educação do Estado de São Paulo para combater a violência contra a mulher e transformar a escola em um espaço de tolerância e acolhimento. Violência contra a mulher não é normal.



¹Fonte: Flacso Brasil (2015). Mapa da Violência 2015: Homicídio de Mulheres no Brasil.

Por que a prevenção e o enfrentamento da violência contra meninas e mulheres devem ser prioridade nas escolas?

Pode parecer que há uma faixa etária certa para falar sobre esse assunto, mas a questão é que essas violências afetam não só mulheres adultas, como também acontecem na infância e na adolescência. De acordo com dados apresentados pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública, desde 2018, **o percentual de boletins de ocorrência de vítimas de violência sexual com até 13 anos registrado pelas delegacias de polícia cresceu de 70%, em 2019, para 77%, em 2020.** Uma pesquisa do IBGE também traz dados muito importantes para refletirmos: segundo o estudo, uma em cada cinco estudantes de 13 a 17 anos diz já ter sido tocada, beijada ou exposta contra a vontade, e quase 9% afirmaram terem sido forçadas ao sexo.²

É preciso lembrar que a escola é a segunda referência de socialização de crianças e adolescentes – a primeira é a família. Infelizmente, a grande maioria dos casos de violência contra meninas e mulheres acontece dentro de casa. Segundo a pesquisa Visível e Invisível – A Vitimização de Mulheres no Brasil, a própria casa ainda é o lugar onde as mulheres mais sofrem violência: **42%** das entrevistadas apontam a casa como local onde aconteceu a agressão, seguida de **29%** que alegaram ter sofrido violência na rua.³



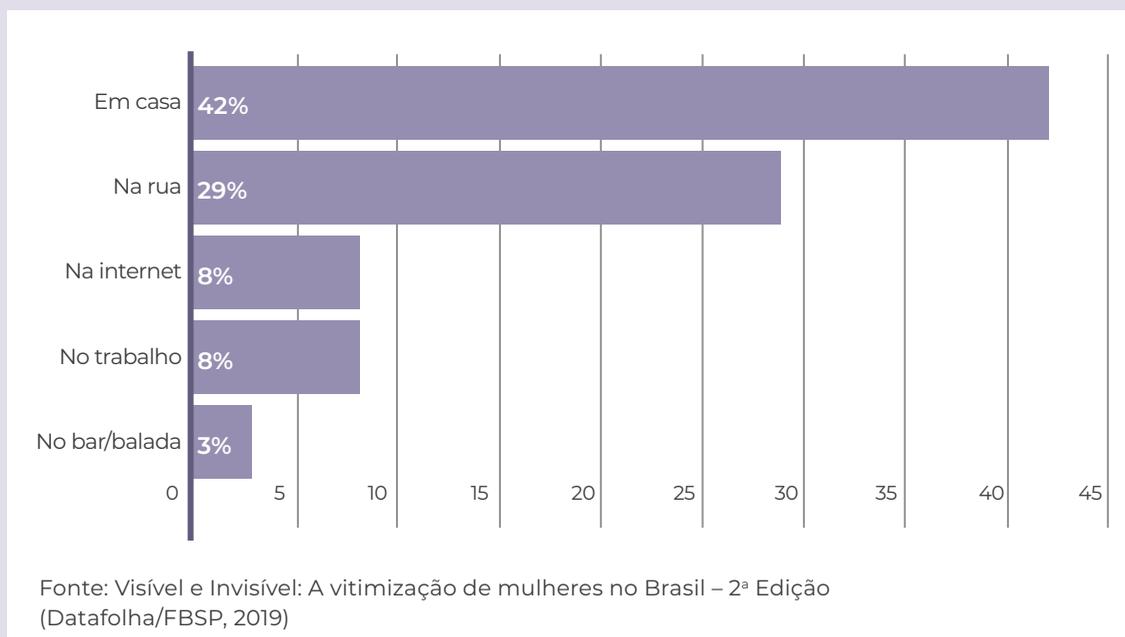
² PeNSE. IBGE (2019)

³ DataFolha e Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2019)

Violência contra mulher Não é Normal

O mesmo ocorre em relação à violência contra crianças e adolescentes. Em levantamento realizado pelo Ministério da Saúde, a maioria dos casos de violência infanto-juvenil⁴ ocorreu dentro de casa, sendo os agressores pessoas do convívio da vítima, normalmente algum familiar.

Em quais ambientes a violência contra meninas e mulheres é mais frequente?



Em relatório realizado pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública em conjunto com a Fundação José Luiz Egydio Setúbal⁵, foram apontados dados significativos em relação à violência contra meninas: o crime com maior número de vítimas entre **0 e 17** anos é o de estupro, sendo **85%** das vítimas, meninas; o crime de maus-tratos em adolescentes de **13 a 17** anos ocorre em sua maioria com meninas. O mesmo ocorre em casos de lesão corporal dolosa em contexto de violência doméstica, nos quais o grupo mais atingido é o de meninas (**77%**), entre **15 e 17** anos (**51,7%**).

A escola acaba sendo um lugar onde as vítimas sentem que podem falar sobre isso, seja com colegas, seja com os(as) profissionais que ali trabalham.

⁴ Ministério da Saúde (2018)

⁵ Fórum Brasileiro de Segurança Pública e Fundação José Luiz Egydio Setúbal (2021)

Violência contra mulher Não é Normal

Além disso, na infância e na adolescência, meninas e meninos têm a chance de desconstruir estereótipos e preconceitos e mudar comportamentos que, se não combatidos e cuidados desde cedo, podem gerar violências. Por isso, precisamos conversar sobre esse tema na escola com meninas, meninos e **profissionais da educação!**

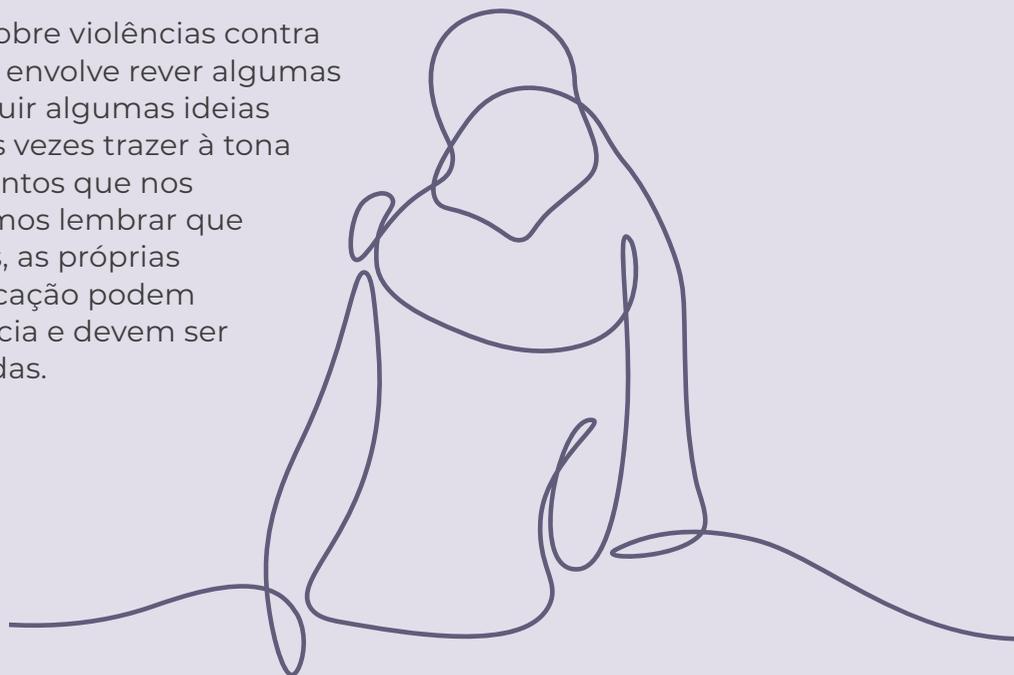
Educadores(as) não precisam saber tudo sobre o tema para atuar na prevenção e no enfrentamento das violências contra meninas e mulheres. Este guia foi criado justamente para ajudá-lo(a) com reflexões, dicas práticas e conteúdos que podem ser trabalhados em sala de aula!



Atenção: esse é um assunto que deve ser debatido não só por mulheres, mas também por **homens!** Os homens também são referências para meninos e meninas, e é por isso que precisam refletir sobre os próprios costumes para conseguir educar e modificar muitos comportamentos replicados por nossa **sociedade.**

O objetivo deste guia não é atribuir mais tarefas a vocês, educadoras e educadores, e sim, a partir da disponibilidade de cada um, dar subsídios para que profissionais da educação saibam dar encaminhamento a demandas relativas à prevenção e ao acolhimento de meninas e mulheres vítimas de violências.

Sabemos que falar sobre violências contra meninas e mulheres envolve rever algumas certezas e desconstruir algumas ideias preconcebidas, ou às vezes trazer à tona memórias e sentimentos que nos machucam. Precisamos lembrar que além das estudantes, as próprias profissionais da educação podem ser vítimas de violência e devem ser acolhidas e respeitadas.



Busque ajuda se precisar!

Caso você se identifique como vítima ou autor de violência, ou reconheça que alguma aluna ou colega está nessa situação, **busque ajuda de um(a) profissional**. Ao final deste guia, indicaremos os serviços que podem ser acionados.

Você sabia?

No Brasil, a cada 1 hora, 500 mulheres são agredidas⁶. Ou seja, durante o tempo de uma aula, aproximadamente 375 mulheres sofrem violência no país. As mulheres também são mortas por serem mulheres, conceito denominado “feminicídio”. Mas o machismo também afeta várias outras áreas da vida.

Você sabia que, de acordo com o IBGE⁷, as mulheres são a maioria das pessoas com diploma de ensino superior e ainda assim recebem em média apenas 77% do salário de homens, realizando o mesmo trabalho?

⁶ Anuário Brasileiro de Segurança Pública (2018)

⁷ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2021)

Quando o machismo e o racismo se somam

Meninas e mulheres negras são as que mais sofrem assédio, violência doméstica e sexual no Brasil⁸. Isso acontece porque mulheres negras sofrem a união do machismo com o racismo, o que as deixa muito mais vulneráveis. Com isso, **elas têm 3 vezes mais chances de serem vítimas** de feminicídio do que mulheres brancas.

Para início de conversa: o que é violência contra meninas e mulheres?

A violência baseada em gênero acontece quando meninas e mulheres são vítimas de violência simplesmente por serem meninas ou mulheres. Isso porque o machismo faz com que muitas pessoas achem que as mulheres são inferiores aos homens. Esse pensamento faz com que, na sociedade, as relações de poder entre meninos e meninas, homens e mulheres, sejam desiguais. Assim, o homem entende que possui mais poder do que a mulher, devido a uma cultura que desde sempre naturaliza esse discurso, levando à violência de gênero.

Essas violências podem acontecer dentro de casa e na família, mas também na rua, na escola, no trabalho e em tantos outros espaços. Elas podem ser comentários desconfortáveis ao andar na rua, violência por conta de ciúmes em um relacionamento, entre outras.

⁸ Fórum de Segurança Pública (2019)

Você sabe o que o termo “gênero” significa?⁹

Gêneros são papéis e expectativas que nossa sociedade tem sobre o que são comportamentos esperados do homem e da mulher. Enquanto o sexo tem como base características biológicas, o gênero é construído pela cultura.

Assim, “estereótipos de gênero” são julgamentos sobre o que é esperado de meninos e o que é esperado de meninas, como nas frases “meninos jogam bola” e “meninas cuidam da casa”.



⁹Jesus, Jaqueline (2012). Orientações sobre Identidade de Gênero: Conceitos e Termos.

Você sábia?

A violência também atinge as mulheres Trans, que são as pessoas que não se identificam com o gênero designado ao nascer. Ou seja, as mulheres Trans possuem as características biológicas masculinas, mas se identificam com o gênero feminino. O termo “Trans” contempla uma série de identidades diferentes (transexuais, travestis, transgêneros, pessoas não binárias etc.).

Na sua escola, é possível que haja meninas ou meninos Trans. Nesses casos, a melhor opção é sempre perguntar para a pessoa como ela se sente melhor e prefere ser chamada, sempre respeitando a individualidade e a identidade de cada pessoa.

Se presenciar qualquer tipo de violência contra **qualquer mulher**, você pode e deve apoiar e buscar ajuda!

Violência doméstica e intrafamiliar: O que é e por que é tão difícil sair dela?

Existem diferentes tipos de violência doméstica e normalmente eles têm uma coisa em comum: **fazem com que a mulher se sinta inferiorizada e insegura**. Esse tipo de violência acontece dentro de famílias ou entre pessoas que estejam se relacionando. É importante ressaltar, ainda, que quando tratamos da temática da violência contra a mulher, não falamos exclusivamente da violência física. Nas seções posteriores deste guia, iremos abordar outras formas de violência que também atingem meninas e mulheres ao longo de suas vidas.

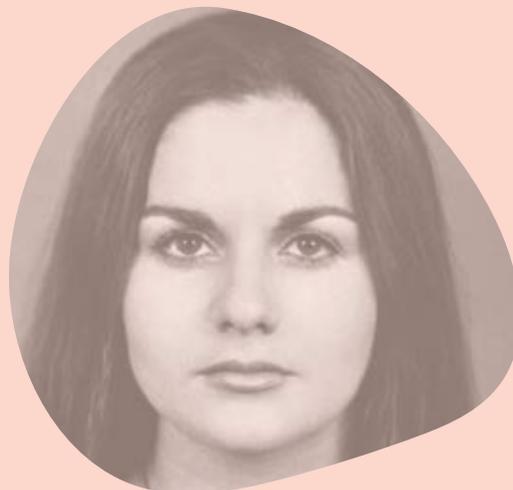
Segundo dados do Disque 180, que comparam as notificações de violência doméstica registradas em fevereiro de 2020 com o mesmo mês do ano anterior, notou-se um aumento de 15,6% dos casos. A tendência de crescimento manteve-se em março com o surgimento da COVID-19 e o consequente isolamento social, o que fez com que vítimas de violência doméstica permanecessem mais tempo dentro de casa com seus agressores¹⁰.



¹⁰ Dados do Ligue 180 (2020)

Conheça a Lei Maria da Penha e sua história

Em 7 de agosto de 2006, a Lei Maria da Penha (Lei nº 11.340 - Planalto) tornou crime a violência doméstica e familiar contra a mulher. O nome é uma homenagem a Maria da Penha, uma sobrevivente de violência doméstica, cujo marido tentou matá-la duas vezes, deixando-a paraplégica. Desde então, Maria da Penha se dedica à causa do combate à violência contra as mulheres.



Apesar de não ser uma lei recente, o Brasil foi o 18º país da América Latina a criar uma lei de proteção integral à mulher, ou seja, um dos últimos países a implantar uma lei que desse proteção às mulheres.

Você sabia que antes da Lei Maria da Penha entrar em vigor, a violência doméstica e familiar contra a mulher era tratada como crime de menor potencial ofensivo? E o que isso quer dizer?

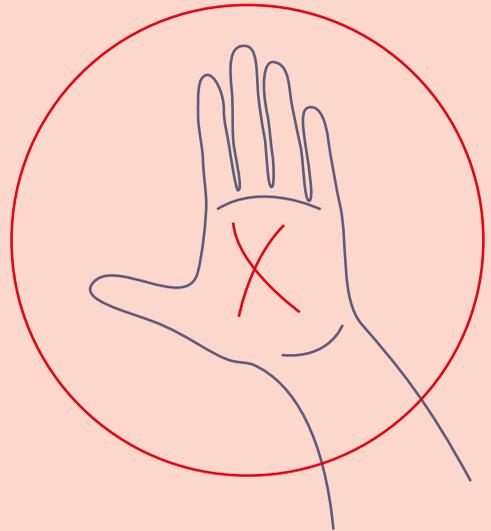
Na prática, isso significa que a violência de gênero era banalizada e as penas geralmente eram um pagamento de cestas básicas ou trabalhos comunitários.

Hoje a Lei Maria da Penha é considerada pela ONU (Organização das Nações Unidas) a terceira melhor legislação no enfrentamento à violência contra a mulher no mundo. Dentre as inovações trazidas pela lei, destaca-se a aplicação de medidas protetivas de urgência para as vítimas, além da previsão de criação de serviços de proteção especializados: Delegacias Especializadas de Atendimento à Mulher, Casas-abrigo, Centros de Referência da Mulher e Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher, entre outros.



Atenção: A Lei Maria da Penha deve ser aplicada a mulheres Trans.

Conheça os tipos de violência doméstica definidos pela Lei Maria da Penha



Violência Sexual

O que é? Forçar a mulher a ter uma relação sexual que ela não queira, ou assistir a outras pessoas tendo relação sem consentimento.

Você sabia? Não deixar que a mulher faça uso de métodos contraceptivos, por exemplo, tirar o preservativo durante a relação, é violência sexual!



Violência Física

O que é? Bater, empurrar, segurar com força e qualquer outra coisa que machuque o corpo da mulher.



Violência Psicológica

O que é? Humilhar, insultar, chantagear e controlar o comportamento da mulher.

Você sabia? Frases como “se você não parar de falar com seu amigo, eu termino com você” e “se você não me deixar olhar suas mensagens no celular é porque você está me traindo” são exemplos de violência psicológica.

Violência contra mulher Não é Normal



Violência Patrimonial

O que é? Esse tipo de violência acontece quando o agressor pega para si ou destrói itens pessoais da mulher, como celular, cartão de crédito ou documentos.



Violência Moral

O que é? Xingar e inventar coisas sobre a mulher que não sejam verdadeiras. Por exemplo: acusar a mulher de traição, expor sua vida íntima, rebaixar a mulher por meio de xingamentos, fazer críticas mentirosas, entre outros.

E se a mulher estiver correndo risco de morrer?

Se uma vítima de violência doméstica estiver correndo risco, ela pode ir até uma delegacia e pedir uma medida protetiva para que o agressor não possa se aproximar dela ou de seus familiares. Se a mulher não puder ficar em sua casa, a delegacia deve oferecer transporte para que ela e seus filhos possam ir até um abrigo ou um local seguro.

Você sabia?

A Lei Maria da Penha combate a violência contra a mulher cometida no âmbito doméstico, familiar e afetivo. Nesses dois últimos, não é necessário morar na mesma casa. No âmbito familiar, por exemplo, basta uma relação de parentesco. No mesmo sentido, no âmbito afetivo, é suficiente a existência de uma relação de afeto, como ocorre entre namorados que não moram juntos¹¹.

“Não é necessário morar junto com o agressor para aplicar a Lei Maria da Penha.”

¹¹ Defensoria Pública do Distrito Federal (2021)

Quais são as violências contra meninas e mulheres para além da violência doméstica?

Fora de casa, nos trajetos para o trabalho, escola, entre outros, meninas e mulheres são alvos de diversas violências. Isso pode ser observado nos dados apresentados em uma pesquisa conduzida pela Plan International, na qual a rua foi mencionada por meninas de 14 a 19 anos como o local em que elas sentem mais medo (57%) e onde são mais humilhadas (23,4%). Além disso, 32% delas relatam ter sofrido assédio na própria escola e somente 53,6% das entrevistadas indicam o caminho da escola como “seguro”.¹²

Em paralelo, dados do Instituto Patrícia Galvão de 2019 revelam que 97% das mulheres com 18 anos ou mais dizem já terem sido vítimas de assédio em meios de transporte, em situações como: receber olhares insistentes (41%), ser “encoxada” (35%), passar a mão em seu corpo (22%), entre outros.¹³

Ou seja, uma das principais violências sofridas por meninas e mulheres fora de casa é a violência sexual. E, dentro dessa violação, algumas condutas se encaixam:



Importunação Sexual – Lei nº 13.718/18

O que é? Muitas pessoas chamam esse tipo de crime de “assédio”. São aquelas situações constrangedoras que acontecem na rua, como alguém te tocar no ônibus indo para o trabalho.



Assédio sexual – Artigo 216-A do Código Penal

O que é? São ações, gestos e outras situações que acontecem no ambiente de trabalho e deixam a mulher constrangida, com vergonha e medo. Exemplos: quando o chefe diz para a funcionária que se ela não tiver uma relação com ele, ela será demitida; quando um(a) professor(a) envia mensagens para um(a) aluno(a) pedindo favores sexuais em troca de uma boa avaliação.

¹² Plan International (2021): Relatório Por Ser Menina

¹³ Instituto Patrícia Galvão (2019)



Divulgação de fotos íntimas (os “nudes”) – Artigo 218-C do Código Penal

O que é? Compartilhar fotos íntimas de outras pessoas sem sua autorização é considerado crime. Apesar de enviar um “nude” ou foto íntima para um(a) parceiro(a) ser uma decisão pessoal, repassar esse conteúdo para outros colegas é inaceitável! Também é crime sexual casos em que fotos íntimas são tiradas sem consentimento ou utilizadas como chantagens e ameaças, por exemplo, quando uma pessoa ameaça divulgar fotos íntimas da outra para reatar um namoro.



Estupro – Art. 213 do Código Penal

O que é? O estupro acontece quando alguém faz ameaças ou força outra pessoa a ter contato sexual. Muita gente imagina o estupro como um crime que acontece tarde da noite e é cometido por um homem desconhecido que utiliza força física ou armas. Isso também acontece, mas, na realidade, a maioria dos casos de estupro acontece sem o uso de força física, quando o agressor usa a violência psicológica, como chantagens ou ameaças, para conseguir o que deseja.



Exploração Sexual

O que é? É quando um adulto paga em dinheiro, roupa, comida, drogas e outras coisas para ter relação sexual com crianças e adolescentes. Na maioria dos casos, as vítimas são meninas, mas também encontramos casos em que as vítimas são meninos.

Muita gente não sabe, mas a exploração sexual infantil é um dos crimes mais graves no Brasil, e está em duas leis: no Código Penal e no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA).

Importante: tanto quem coage (por exemplo, o agenciador que conecta o explorador com a criança ou adolescente) quanto quem tem relações sexuais com a vítima, é culpado pela lei.

Como o machismo afeta os meninos e os homens e o que eles podem fazer para enfrentar a violência contra meninas e mulheres?

Desde cedo os meninos aprendem que não podem demonstrar seus sentimentos e fraquezas nem pedir ajuda. Isso faz com que eles passem sozinhos por situações difíceis, tendendo a desenvolver mais problemas de saúde mental e a cuidar menos de sua saúde. A maioria dos homens acredita que saúde mental não é um problema sério e não conhece os possíveis tratamentos baseados em terapia e medicamentos.¹⁴

Você já ouviu falar sobre “masculinidade tóxica”?

Se você nunca ouviu falar nesse termo antes, não se preocupe. Infelizmente ainda se fala bem pouco sobre esse assunto, apesar da sua importância.

Para entender melhor, vamos imaginar a seguinte situação: Gustavo, de 13 anos, começa a chorar na aula de Educação Física após ter se machucado e, conseqüentemente, ter sido eliminado do campeonato de futebol da escola. O professor, observando o comportamento de Gustavo, diz “Pra que chorar, Gustavo? No próximo campeonato você participa! Se comporte como um homem!”.



¹⁴ IBOPE Conecta. (2019). Pesquisa Depressão, suicídio e tabu no Brasil: um novo olhar sobre a Saúde.

Muitos meninos ouvem frases como essas ao longo da vida, o que faz com que cresçam e se tornem adultos que reproduzem a ideia de que homens devem se comportar de uma determinada maneira: demonstrando poder, agressividade, comportamentos sexuais inadequados, força, e não podendo demonstrar sentimentos e vulnerabilidades. Isso é o que chamamos de **masculinidade tóxica**. Dessa forma, quando homens agem da forma como se espera que mulheres ajam, são tachados de forma negativa – como se ser mulher fosse algo inferior!

O que os homens e meninos podem fazer?

Divida as tarefas domésticas de forma igual

Em muitas casas, as meninas e mulheres são responsáveis por faxinar, cozinhar, lavar a louça e cuidar das crianças. Precisamos mudar essa situação: meninos e homens também devem fazer tarefas domésticas.

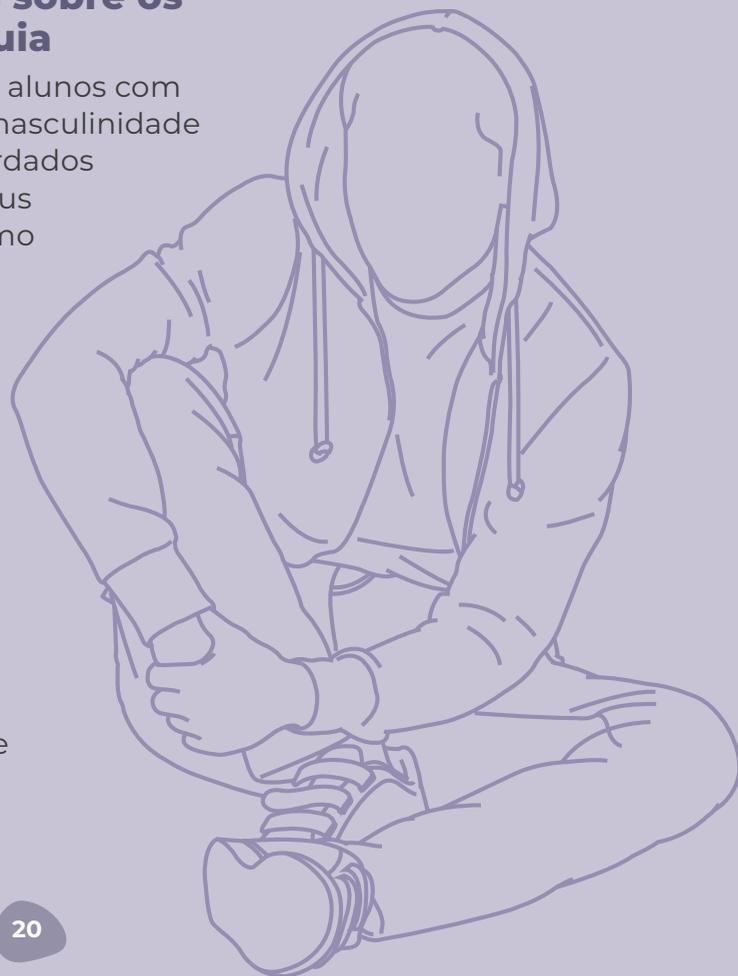
Converse com seus alunos sobre os assuntos tratados neste guia

Realize rodas de conversa com seus alunos com temas como machismo, violência, masculinidade tóxica e tantos outros assuntos abordados neste guia. Reflitam juntos sobre seus comportamentos e pensem em como mudar ações que sejam machistas.

Ajude meninas e mulheres que estejam sofrendo violência

Viu uma aluna chorando porque sofreu assédio de um colega? Pergunte se ela precisa de ajuda, ouça o que ela tem a dizer e realize as intervenções necessárias.

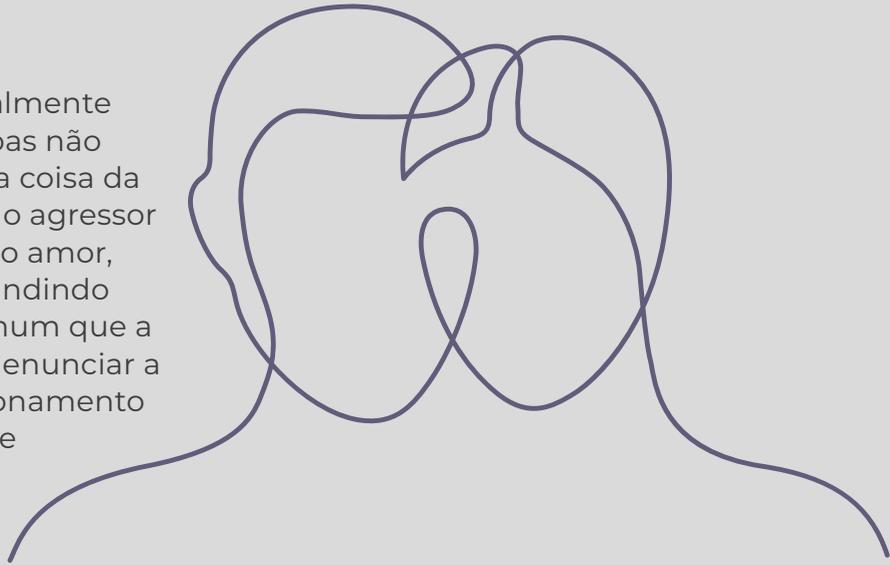
Sua colega está em uma relação abusiva? Chame-a para conversar e coloque em prática os passos que te demos neste guia.



Como identificar uma relação violenta e como ajudar alguém a sair dela?

AMOR X ABUSO

Amor e abuso são coisas totalmente diferentes, mas muitas pessoas não sabem como diferenciar uma coisa da outra. Em relações violentas, o agressor e a vítima têm um vínculo, e o amor, muitas vezes, acaba se confundindo com a violência. É muito comum que a vítima seja julgada por não denunciar a violência e não sair do relacionamento com o agressor. Mas, antes de julgar, é preciso entender o que está por trás do medo de denunciar.



Mas o que é um relacionamento abusivo?

Um relacionamento abusivo é aquele no qual uma das pessoas exerce controle sobre a outra em benefício próprio. Isso não se aplica somente a relacionamentos amorosos, podendo também acontecer no campo familiar e das amizades.

Sabemos que, muitas vezes, é muito difícil para a pessoa afetada reconhecer que está dentro de uma relação abusiva, especialmente porque o comportamento do(a) abusador(a), em geral, tende a inserir a outra parte em um ciclo de permanência, que faz com que a vítima, por mais que sinta algo de errado, acredite que a pessoa vai mudar, o que não é verdade.

Você sábia?

O medo, a vergonha de julgamento das pessoas à sua volta, a dependência do agressor, a manipulação e a falta de recursos financeiros para viver de forma independente são alguns dos motivos que levam as mulheres a não deixar o agressor. Muitas mulheres vítimas também evitam sair da relação ou denunciar a situação por medo de que algo possa acontecer com ela ou com seus filhos.

Muitas adolescentes vivem relacionamentos abusivos, independente do tipo de relação (ficantes, namorados). Assim, quando essa menina demonstra medo, insegurança e sentimento de culpa constante, algo não está bem e devemos ficar atentos! **Normalmente, relações abusivas acontecem por parte de homens contra mulheres, mas também podem acontecer ao contrário, em relações homossexuais ou até mesmo entre integrantes de uma família que não sejam necessariamente um casal.**

Se você já acompanhou alguém que esteve em um relacionamento abusivo, sabe bem como é difícil mostrar para a pessoa o que está acontecendo. Na maioria das vezes, as vítimas demoram até entenderem que estão sofrendo violência. **Mas por que isso acontece?**

#mito

“Se a mulher fica com o homem e não pede ajuda é porque não está sofrendo.”

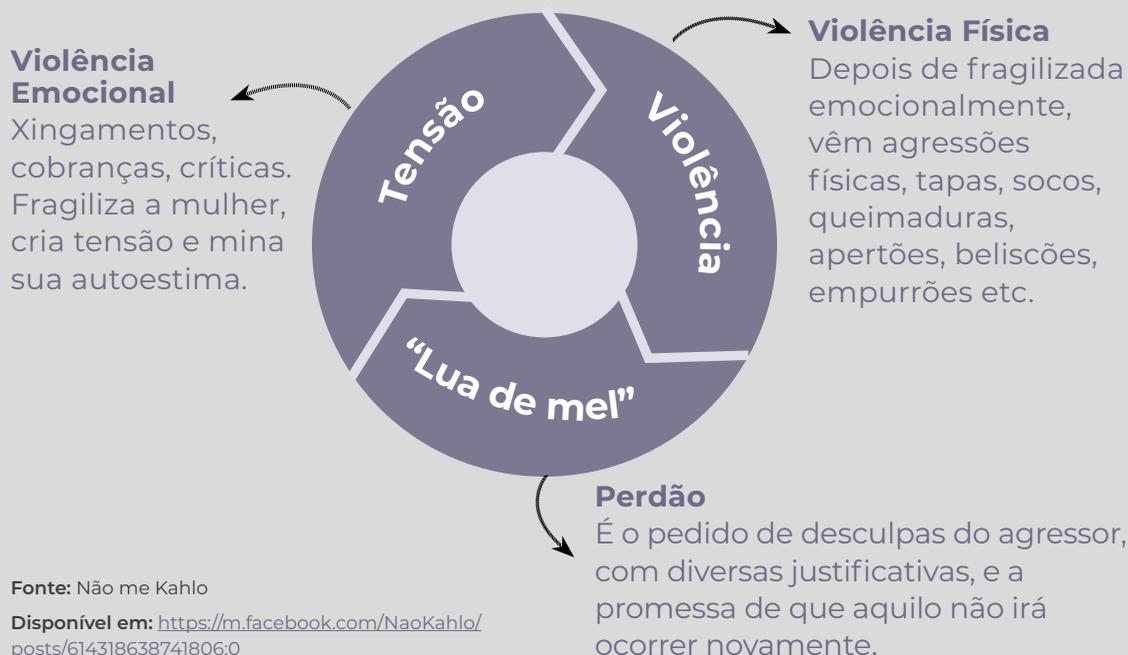
#mito

“Só mulheres adultas vivem relações abusivas.”

Por que é tão difícil sair de um relacionamento abusivo?

Como dissemos anteriormente, a mulher que vive um relacionamento abusivo enfrenta momentos de agressividade do parceiro por meio de ofensas verbais e críticas, que evoluem para agressões físicas, como tapas, empurrões e socos. Contudo, depois desses dois momentos – que chamamos de “fases” – vem a calmaria, em que o agressor pede desculpas e implora por perdão, prometendo que aquele comportamento não irá mais se repetir. Em muitos casos, o agressor joga a culpa sobre a mulher, dizendo que ela é responsável pelas situações de discussão, e até mesmo rotula a mulher como “louca”, como se ela estivesse criando em sua mente uma situação que não ocorreu.

Essa dinâmica é o que chamamos de “**ciclo de violência**”, justamente para enfatizarmos que essa violência será persistente e recorrente, e seguirá esse padrão dentro do relacionamento. São três as fases principais desse ciclo:



Fonte: Não me Kahlo

Disponível em: <https://m.facebook.com/NaoKahlo/posts/614318638741806:0>

É esse funcionamento que faz com que muitas vezes a mulher permaneça na relação, pois ela acredita que essa situação irá mudar sempre que há o pedido de perdão e a promessa de que a violência não irá se repetir.

“A violência doméstica só acontece em famílias de baixa renda e pouca instrução.”

Você já ouviu falar em “stalking”?

Esse termo vem da palavra inglesa “stalk”, que significa perseguir, atacar ou estar em constante vigilância. Recentemente, foi inserido o Artigo 147-A no Código Penal que prevê a conduta de “perseguir alguém, constantemente e por qualquer meio, ameaçando-lhe a integridade física ou psicológica, restringindo-lhe a capacidade de locomoção ou, de qualquer forma, invadindo ou perturbando sua esfera de liberdade ou privacidade”. A pena prevista para o crime varia de 6 meses a 2 anos de reclusão, além de multa. A lei estabelece, ainda, que a pena deve ser aumentada pela metade se o crime for cometido contra a mulher, em contexto de violência de gênero.¹⁵

#mito

A violência doméstica não distingue classe social, raça, etnia, religião, orientação sexual, idade e grau de escolaridade. Todos os dias somos impactados por notícias de mulheres que foram assassinadas por seus companheiros ou ex-parceiros. Na maioria desses casos, elas já vinham sofrendo diversos tipos de violência há algum tempo, mas a situação só chega ao conhecimento de outras pessoas quando as agressões crescem a ponto de ocorrer o feminicídio.

“O ‘stalking’ é crime.”

¹⁵ Defensoria Pública do Distrito Federal (2021)

Quais são os principais sinais físicos e psicológicos apresentados por meninas e mulheres vítimas de violência?

São vários os sinais físicos e psicológicos nos casos de violência! Aqui listamos os principais: lesões físicas (hematomas, queimaduras, cortes, fraturas); infecções sexualmente transmissíveis (ISTs); aparência descuidada e suja; distúrbios de alimentação (perda ou excesso de apetite); distúrbios no aprendizado; comportamento agressivo; tristeza; abatimento profundo; comportamento sexualmente explícito.

Também são comuns: relutância em voltar para casa; faltas frequentes à escola; ausência de participação nas atividades; poucos amigos; falta de confiança em terceiros; ideias e tentativas de suicídio; autoflagelo; dificuldade de concentração; hiperatividade; choro sem causa; comportamento rebelde.

Além disso, precisamos lembrar que a violência contra meninas e mulheres causa problemas de saúde significativos, motivo pelo qual elas costumam necessitar de um tratamento contínuo. Uma pesquisa realizada na área da saúde, por exemplo, indicou que as principais consequências sofridas pelas vítimas são “tristeza, desânimo, solidão, estresse, baixa autoestima, sensação de incapacidade, impotência e inutilidade”, além de doenças físicas e mudanças comportamentais. Daí a importância de que elas sejam encaminhadas para acompanhamentos psicológicos.¹⁶



¹⁶ NETTO, Leônidas de Albuquerque. MOURA, Maria Aparecida V. QUEIROZ, Ana Beatriz A. TYRRELL, Maria Antonieta R. BRAVO, María del Mar P. 2014. Violência contra a mulher e suas consequências.

Violência contra mulher Não é Normal

Além disso, estudos recentes apresentam dados sobre o **perfil de alunos que mais sofrem violência**. Esses dados podem ser aproveitados pela escola para orientar professores e demais funcionários a ficarem atentos às crianças e aos adolescentes que estão no grupo mais afetado.

Em um estudo realizado por Silva, Azambuja e Santana (2015), 282 crianças entre seis e dezessete anos de idade, com histórico de violência, foram analisadas, a fim de compreender o perfil de crianças e adolescentes vítimas de algum tipo de violência doméstica. O resultado apontou que a idade média é de 10,6 anos de idade e a maior parte são meninas. Além disso, 34,1% das crianças e adolescentes já haviam sido reprovados em alguma etapa escolar e 44,2% demonstraram dificuldades de aprendizagem.¹⁷



E aqui entra novamente a sua importância no enfrentamento à violência contra meninas e mulheres! Por quê? Porque a escola pode desempenhar um papel fundamental na identificação dos casos de violência, devido à proximidade na convivência com os alunos. Assim, a qualidade da comunicação e a coerência da equipe profissional que trabalha na escola têm grande importância sobre a forma como o clima geral e os problemas de violência são percebidos. Sendo a escola um ambiente de grande proximidade para com seus estudantes, em muitos casos, alunas vítimas de violência doméstica encontrarão ali um ambiente favorável para revelar seu sofrimento e buscar ajuda.

¹⁷ SILVA, Ramos Wolkimer; AZAMBUJA, Carolina Viecili; SANTANA, Ariela. Perfil de crianças e adolescentes vítimas de maus-tratos atendidos em ambulatório de psicologia da região sul do Brasil. 2015.

A importância de cuidar de quem cuida

Sabemos que lidar com o tema violência não é fácil, e muitas vezes causa um grande sofrimento nos(as) profissionais que escutam crianças e adolescentes revelarem a violência que sofreram, especialmente quando o(a) ouvinte se identifica com o(a) aluno(a). Por isso, é importante que o tema violência seja discutido nos espaços de troca entre os(as) educadores(as), e que uns possam acolher os outros. Lembre-se sempre de respeitar seus limites e o limite de seus(suas) colegas. Caso você perceba que não conseguirá lidar com uma situação de violência identificada ou revelada por um(a) estudante, compartilhe com a equipe a necessidade de referenciar o caso para outro(a), mas esteja sempre atento(a) para que a vítima não seja exposta. Não tenha medo ou vergonha de expor sua dificuldade! Profissionais da educação também precisam ser acolhidos(as), respeitados(as) e apoiados(as) frente às suas dificuldades e sofrimentos. Caso você tenha ouvido um relato que te despertou sentimentos difíceis ou tenha te lembrado traumas pessoais, busque ajuda de um profissional da saúde.

Onde buscar ajuda?

Caso você sinta que precisa de um suporte psicológico, procure contatar o posto de saúde ou o CAPS da sua região de moradia. Também é possível conseguir esse apoio gratuito em clínicas psicológicas de Universidades.

Você também pode buscar ajuda da equipe local ou regional do CONVIVA na sua localidade.



Como lidar com casos de violência no dia a dia?

Meninas e mulheres vítimas de violência se sentem culpadas pela violência sofrida. Esse sentimento é potencializado pelos rótulos que a sociedade dá a elas, por meio de comentários como “ela gosta de apanhar” e “ela pediu pra ser estuprada... olha as roupas que usa!”, entre outros. Dessa forma, precisamos encontrar maneiras de acolhê-las, promovendo um espaço de suporte, uma escuta empática e deixando de lado qualquer julgamento. Só assim conseguiremos entender o que vem acontecendo e deixar a vítima mais tranquila para falar sobre a violência e o sofrimento gerado por ela.



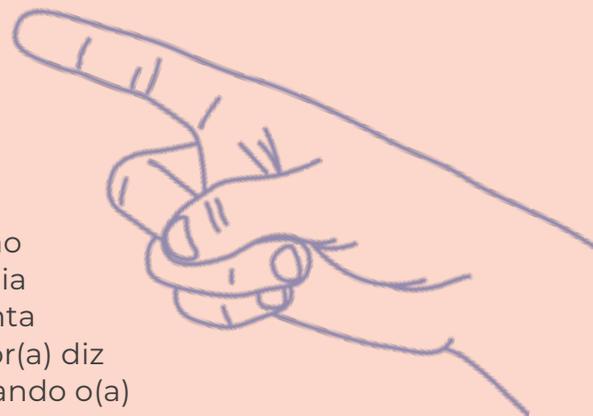
5 passos para acolher uma mulher vítima de violência:

- 1 Ouvir com atenção:** na maioria das vezes, o que a vítima precisa é que alguém a escute com abertura, atenção e compaixão. Ou seja: antes de dar a sua opinião sobre o que ela deve fazer, ouça o que ela tem a dizer.
- 2 Reconhecer a coragem da vítima:** contar para alguém sobre uma situação de violência não é nem um pouco fácil e pode gerar sentimentos como ansiedade, medo, tristeza e vergonha. Por isso, reconheça o esforço dessa pessoa, deixe claro o quanto ela foi corajosa em te contar sobre o que está acontecendo e a agradeça pela confiança em se abrir com você.
- 3 Criar empatia:** muitas vezes, sem a intenção de machucar, falamos frases como “mas por que você não me contou antes?” ou “como você continua nessa relação?”. Comentários desse tipo podem fazer com que a vítima se sinta envergonhada ou acanhada.
Lembre-se: se ela demorou para buscar ajuda é porque precisou desse tempo para entender o que está acontecendo e conseguir pedir ajuda.
- 4 Estar disponível:** mostre-se disponível para ajudar a vítima na busca por ajuda. Algumas dicas são:
 - Perguntar se ela está segura em casa: caso a resposta seja negativa, incentive-a a buscar uma delegacia de polícia e pedir uma medida protetiva para que o agressor não possa se aproximar dela e de sua família.
 - Perguntar se ela gostaria da sua ajuda para realizar uma denúncia, acompanhá-la na delegacia ou buscar um hospital ou centro de assistência social em casos de violência que demandam esses atendimentos, como a violência física e a sexual.
- 5 Não é recomendável** procurar o agressor, pois você pode colocar a mulher vítima de violência em risco.

Quais ações os(as) educadores(as) podem levar para o dia a dia da sala de aula para prevenir e enfrentar as violências de gênero?

1. Não reforce estereótipos durante as aulas

Você lembra que no início deste guia conversamos sobre o significado do termo “estereótipos de gênero”? É pensando nesse significado que enfatizamos a importância de não reforçarmos os estereótipos de gênero no dia a dia da escola. Por exemplo, quando uma menina senta de pernas abertas em sala de aula e o(a) professor(a) diz que “menina não deve sentar desse jeito”, ou quando o(a) educador(a) atribui algumas atividades aos meninos por acreditar que eles têm mais facilidade de executá-las do que as meninas. Essas condutas acabam reforçando e estimulando julgamentos relacionados ao gênero quando, na verdade, o papel do(a) educador(a) é de promover um ensino que passe o recado: “meninas e meninos podem ser o que quiserem e devem ser respeitados(as) e tratados(as) da mesma forma!”.



2. Não fique calado(a) diante de um comentário ou atitude machista

Ouviu um aluno fazer uma piada ofensiva ou tratar mal a colega ou a própria namorada? Chame-o para uma conversa, explique porque o que ele disse ou fez é ruim e como ele pode fazer diferente em uma próxima vez. Lembre-se: quando ficamos calados diante de uma situação de machismo, a outra pessoa continuará achando que não há nada de errado.

3. Fique atento(a) aos conteúdos que seus alunos e alunas consomem ou conversam durante as aulas

Muitos vídeos, propagandas e jogos mostram uma imagem negativa da mulher, por meio de comentários sobre seus corpos e até mesmo mostrando violência contra elas. Fique atento(a) ao que seus alunos e alunas consomem ou conversam durante as aulas, e os oriente sobre o quanto esses produtos aumentam as desigualdades entre homens e mulheres.

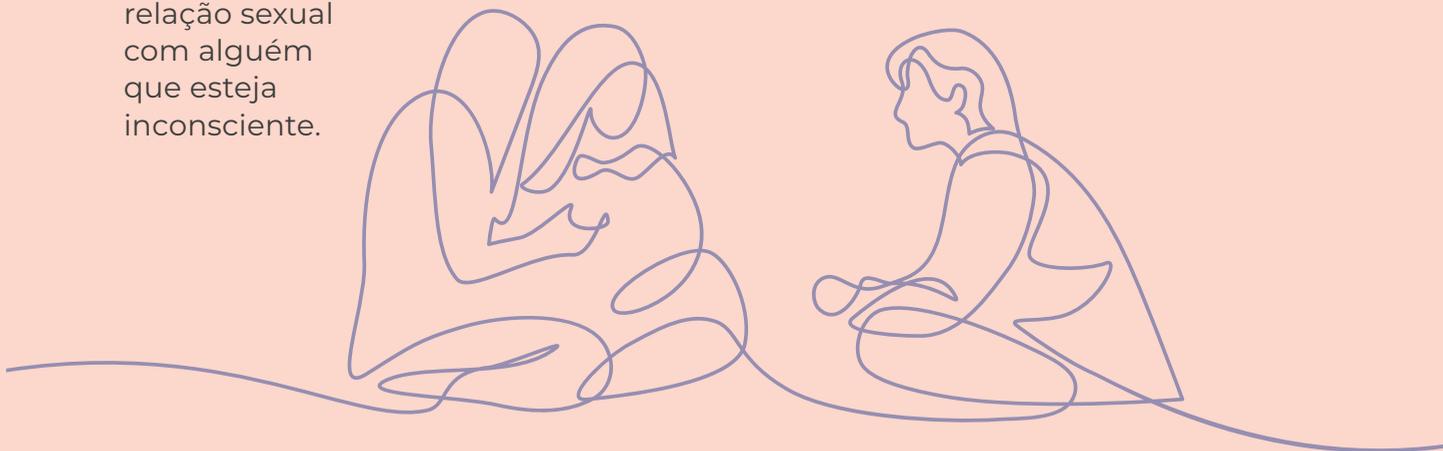
4. Lembre-se: chorar e expressar sentimentos não são sinônimos de fraqueza e, caso observe que algum aluno precisa de ajuda, converse com ele!

Como falamos, a masculinidade tóxica faz com que meninos e homens acreditem que não podem expressar seus medos e angústias, o que colabora para que se tornem violentos. Conversar com seus alunos e alunas sobre a importância de falar sobre seus sentimentos é uma forma de acabarmos com os preconceitos, possibilitando que se tornem mais sensíveis e cuidadosos uns com os outros.

5. Não é não!

Quando observar que um aluno não está respeitando uma colega que lhe diz “não” ou “pare”, converse com ele sobre consentimento. É importante que ele tenha uma referência que oriente sobre a importância de respeitar o desejo do outro. Diga, por exemplo, que, antes de dar um beijo ou ter relação sexual, ele deve perguntar se a outra pessoa deseja fazer aquilo e se está segura e confortável.

E que nunca tenha relação sexual com alguém que esteja inconsciente.



Você já ouviu falar na Lei nº 13.431/17?

Essa lei surgiu com o propósito de evitar que crianças e adolescentes vítimas ou testemunhas de violência tenham que repetir suas histórias em diversos espaços, fazendo com que revivam o que sofreram. É o que chamamos de “**revitimização**”.

Importante aprender para não se esquecer: revitimização, o que é e por que devemos evitar

Revitimização é uma forma de violentar novamente vítimas de algum tipo de violência, por meio de novas condutas violentas. Entre essas condutas está o recorrente questionamento sobre o que aconteceu. Cada vez que a criança ou a adolescente é questionada sobre o ocorrido, ela relembra a violência sofrida e isso gera um grande sofrimento, aumentando seu trauma.

Por isso, com esta lei, denominada “Lei da Escuta Protegida”, a rede de proteção dessa criança deve pensar em como criar um fluxo para que a vítima seja ouvida apenas em um espaço, por um profissional, o qual irá conversar com os outros serviços para fornecer informações sobre o caso.



Importante!

Apesar de não haver nenhuma lei parecida quando a violência ocorre contra uma mulher adulta, a ideia é tentar evitar a revitimização do mesmo jeito! Assim, o ideal é que a vítima seja encaminhada para um serviço especializado, onde será ouvida por profissionais qualificados que irão acolhê-la e acompanhá-la.

Identifiquei um caso de violência. O que devo fazer?

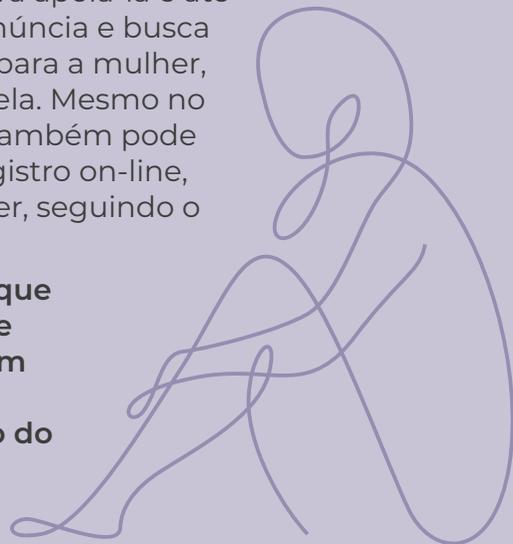
Depois de ouvir a menina ou a mulher vítima de violência, é importante explicar quais serão os próximos passos.

Quando a vítima for menor de 18 anos, você poderá explicar que, para ajudá-la, precisará conversar com alguns profissionais e, juntos, poderão ajudá-la e protegê-la. É muito importante ter essa conversa, pois, para ela, você é a pessoa que chamamos de “pessoa de confiança”, ou seja, alguém em quem ela confia o suficiente para revelar a violência sofrida.

Nesse caso, é importante buscar auxílio do Conselho Tutelar da região para acompanhamento da situação. Por fim, meninas menores de 18 anos também podem registrar um Boletim de Ocorrência na delegacia para denunciar o caso. Na posição de “pessoa de confiança”, você pode, por exemplo, instruí-la sobre como fazer isso. **Este material**¹⁸, produzido pela Secretaria da Segurança Pública, contém um passo a passo sobre como realizar o registro on-line do Boletim de Ocorrência na Delegacia de Defesa da Mulher on-line.

Quando a vítima for maior de 18 anos, você poderá se oferecer como “rede de apoio”, ou seja, alguém que poderá apoiá-la e até mesmo acompanhá-la no processo de denúncia e busca de serviço de proteção. Não esqueça que, para a mulher, você também é a “pessoa de confiança” dela. Mesmo no caso das alunas maiores de 18 anos, você também pode auxiliar a aluna ou a mulher a realizar o registro on-line, por meio da Delegacia de Defesa da Mulher, seguindo o tutorial disponibilizado anteriormente.

Quando você identificar a violência sem que ela seja revelada pela vítima, o ideal é que denuncie prontamente! Para isso, também é super importante que você identifique quais são os serviços da rede de proteção do seu município que sejam especializados no acompanhamento de vítimas de violência de gênero.

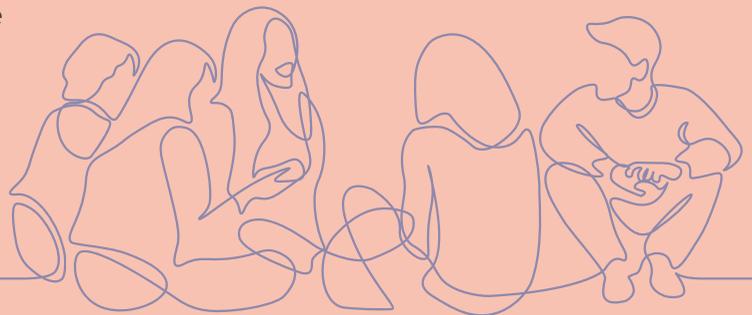


¹⁸ Passo a passo para você registrar ocorrência de violência doméstica e familiar contra a mulher, 2ª Edição: Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/11FwDYBm3ThCE3720njAnFSkhi2gjYoVw/view>

Não se esqueça!

A escola não tem o papel de investigar casos de violência. Há órgãos especializados na investigação dos casos de violência que executarão esse papel.

Pratique a escuta empática diante de uma revelação espontânea e mobilize a rede de proteção para acolher e proteger a vítima de violência. Lembre-se sempre da importância da não revitimização como parte de uma redução de danos!



Onde denunciar?

- Você pode denunciar, sem sair de casa, fazendo um Boletim de Ocorrência na internet. Entre no site <https://www.delegaciaeletronica.policiacivil.sp.gov.br>, vá em “Comunicar Ocorrência”; em “Tipo de Ocorrência”, selecione “Violência doméstica contra a mulher”.
- Busque uma delegacia de polícia comum ou uma Delegacia de Defesa da Mulher (DDM). Encontre a DDM mais próxima de você no site <http://www.ssp.sp.gov.br/servicos/mapaTelefones.aspx>.
- **Ligue 180:** você pode ligar nesse número – é gratuito e anônimo – para denunciar um caso de violência contra mulher e pedir orientações sobre onde buscar ajuda.
- Acesse o site do SOS Mulher pelo endereço <https://www.sosmulher.sp.gov.br/> e baixe o aplicativo.
- **Ligue 190:** esse é o número da Polícia Militar. Caso você ou alguém esteja em perigo, ligue imediatamente para esse número e informe o endereço onde a vítima se encontra.

O que fazer em casos de violência contra crianças e adolescentes?

Disque 100: Nesse número, você pode denunciar e pedir ajuda em casos de violência contra crianças e adolescentes – é gratuito, funciona 24 horas por dia e a denúncia pode ser anônima.

Lembrando que você deve realizar uma denúncia entrando em contato com o Conselho Tutelar da região de moradia da criança ou adolescente vítima, conforme previsto no Art. 56 do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA):

Art. 56. Os dirigentes de estabelecimentos de ensino fundamental comunicarão ao Conselho Tutelar os casos de:

- I - maus-tratos envolvendo seus alunos;
- II - reiteração de faltas injustificadas e de evasão escolar, esgotados os recursos escolares;
- III - elevados níveis de repetência.



O que fazer em casos de violência sexual?

Em caso de violência sexual, busque atendimento médico ou vá até uma delegacia de polícia. Vítimas de violência sexual têm o direito de receber atendimento de uma equipe de médicos(as), psicólogos(as) e assistentes sociais. A vítima também passará por alguns exames para verificar se contraiu alguma Infecção Sexualmente Transmissível (IST) ou se há uma gravidez fruto da violência.



Eu não sei tudo... Como vou falar sobre esse assunto na **escola ?**

A seguir, trazemos algumas sugestões de materiais que podem ser usados por vocês:

Para trabalhar com os alunos:

- Série “Que Corpo é Esse”, disponível no Canal do YouTube do Canal Futura;
- Materiais elaborados pela Editora Caqui, disponíveis no site: <https://www.editoracaqui.com.br/>
- Cartilha “Tá na hora”, do Instituto Liberta, disponível em: <https://liberta.org.br/wp-content/uploads/2019/11/Cartilha-Ta-na-Hora-Liberta.pdf>
- Estudo sobre Diversidade, Equidade e Inclusão na escola, do Projeto Faz Sentido, disponível em: https://fazsentido.org.br/wp-content/uploads/2018/12/ESTUDO_DIVERSIDADES_rev.pdf
- O Canal “Pode Falar” é uma parceria da UNICEF com outras organizações, para atender adolescentes e jovens de 13 a 24 anos em situação de violência, autolesões e tentativas de suicídio: www.podefalar.org.br

Violência contra mulher Não é Normal

Para entender mais sobre o tema:

- Documentário “O Silêncio dos Homens”, realizado pelo Papo de Homem e disponível no YouTube;
- Vídeo “Eu Vivi um Relacionamento Abusivo”, da youtuber Dora Figueiredo, disponível no YouTube;
- Quiz para homens e mulheres sobre relacionamento abusivo, disponível na cartilha: <https://www.naosecale.ms.gov.br/wp-content/uploads/2021/08/Cartilha-2021.pdf>
- Publicações da Organização Childhood, disponíveis no site: <https://www.childhood.org.br/>
- Material “Educação que protege contra a violência”, da UNICEF, disponível em: https://www.unicef.org/brazil/media/4091/file/Educacao_que_protege_contra_a_violencia.pdf
- No site www.serenasbr.org você encontrará materiais, artigos e programas para se inspirar e trabalhar os direitos de meninas e mulheres na sua escola.



**GOVERNO DO ESTADO
DE SÃO PAULO**
SECRETARIA DA EDUCAÇÃO